



## INOVAÇÕES EDUCACIONAIS NA REVISTA VEJA: 1968-1988

Deborah Gonzalez<sup>1</sup>  
Karla Saraiva<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho analisa os discursos veiculados na seção Educação da Revista Veja, entre 1968 e 1988, visando a identificar e problematizar os enunciados acerca da Educação Básica brasileira postos em circulação. Fundamentado nos estudos foucaultianos, com destaque para o conceito de governamentalidade, o processo de pesquisa foi orientado pela construção de focos de análise que permitissem compreender as ênfases do período. Neste artigo, apresentamos os resultados de um destes focos, relacionado com as abordagens pedagógicas consideradas “modernas”, constituindo-se em orientações que buscam escapar de uma organização disciplinar de currículo. Cabe ressaltar que, durante grande parte deste período, o país viveu sob o regime de ditadura civil-militar-empresarial, onde a repressão e o militarismo se capilarizaram em uma sociedade altamente disciplinar. Sob esta perspectiva, assume-se como hipótese que o aparente paradoxo entre um sistema fortemente disciplina e metodologias “livres” aparece como um dispositivo de controle social sofisticado, regulando a formação escolar de acordo com o projeto econômico desenvolvimentista, tônica do período. Os oito artigos selecionados versam sobre metodologias consideradas não convencionais na época, como o método montessoriano, o uso de espaços não convencionais, a aprendizagem da ciência através de jogos. Neste contexto, as metodologias apresentadas pela revista invocavam formas que fogem do padrão tradicional, sendo respaldadas pela palavra de especialistas.

**Palavras-chave:** Revista Veja; Educação; Didática; Governamentalidade.

### INTRODUÇÃO

A educação apresenta-se para nós como um mecanismo fundamental de intervenção estatal sobre as populações. Em 1964, o Brasil começa um período autoritário, que consistiu na militarização da sociedade em diversos setores, incluindo a educação, até 1985. A Revista Veja propagou uma série de enunciados que narravam o Estado, a iniciativa privada, professores e estudantes em uma posição de responsabilidade e compromisso com um projeto de Brasil–potência. O nacionalismo era amplamente utilizado fomentar a ideia de progresso social, que só seria possível através da melhoria dos índices econômicos. Para tanto, a capacitação dos trabalhadores de todas as áreas foi incentivada e narrada pela publicação como possível através de uma educação que, paradoxalmente, estimulava a liberdade por

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de História Bolsista PIBIC/CNPq – [profadeborahbg@gmail.com](mailto:profadeborahbg@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA – [profa.karla.saraiva@gmail.com](mailto:profa.karla.saraiva@gmail.com)

meio de novas metodologias. Mesmo com ênfase para na educação de classes economicamente privilegiadas, as novas didáticas poderiam estar presentes tanto no ensino público, quanto no privado.

## **METODOLOGIA**

A revista foi lançada em setembro de 1968, pela Editora Abril, circulando semanalmente ainda nos dias de hoje. Considerando o volume de dados para o período escolhido, optou-se por um recorte. Para esta pesquisa utilizamos as reportagens da seção Educação das penúltimas edições mensais dos meses de fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro, entre 1968 e 1978. Das 60 seções resultantes desse recorte, foram utilizadas oito que se referiam direta ou indiretamente à Educação Básica e às transformações que nela vinham ocorrendo, com ênfase para os enunciados que versavam sobre as novas formas de ensinar. As análises foram desenvolvidas a partir de um referencial pós-estruturalista, tendo como eixo o conceito de governamentalidade (FOUCAULT, 2008) e seu desdobramento conceitual de governamentalidade autoritária, desenvolvida por Fymiar (2009).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Das reportagens analisadas, é possível perceber algumas abordagens distintas para as crianças oriundas de classes populares e as de classes alta e média-alta. Embora para ambos os grupos se enuncie o abandono de uma educação autoritária, as necessidades educacionais das crianças pobres são narradas em termos de carência. Para nivelar essa distância e oferecer “a crianças carentes o 'currículo oculto' que crianças mais ricas adquirem no pré-escolar - ou mesmo em casa, com jogos educativos e conversas com os pais” (VEJA, 1981, nº 676, p. 80), o método Alfa (VEJA, 1981, p. 80), elaborado pela Abril Cultural, é apresentado como solução pela revista. Cabe notar que a Abril Cultural está vinculada à Editora Abril, responsável pela Veja. Portanto, esta reportagem funciona como uma estratégia publicitária de um produto do grupo voltado para o segmento educacional.

Para conter o índice de “um em cada dois alunos matriculados na primeira série [que] abandona os bancos escolares [...] ou então, engrossa o alto índice de repetência” (VEJA, 1981, nº 676, p. 80), a intervenção pedagógica será ministrada por especialistas educacionais. De acordo com a publicação, entre 1977 e 1980, 506.000 crianças estudaram por este método, o que teria permitido catapultar os índices de aprovação no primeiro ano. A reportagem indica

que em alguns municípios, a aprovação dobrou, sendo o caso mais destacado em uma escola de periferia de Passo Fundo que passou de uma aprovação de 47% para 100%.

Os enunciados veiculados por esta reportagem interligavam um baixo desenvolvimento cognitivo com a pobreza e com a falta de recursos educacionais voltados para este segmento da população, com destaque para o escasso atendimento das crianças carente pela pré-escola. O método Alfa propunha que no primeiro ano fossem desenvolvidas atividades lúdicas que suprissem este déficit. Para melhor gerenciar o risco que as carências educacionais dos segmentos mais pobres representavam à educação brasileira, e conseqüentemente ao projeto desenvolvimentista chamado de “Brasil-Potência”, foi dada visibilidade às taxas de alfabetização efetiva por meio do uso da tecnologia estatística. Sobre isso, Traversini e Bello (2009, p. 143) pontuam

A estatística pode ser entendida como um meio, composto por saberes e por procedimentos técnicos específicos que é utilizada por governos das diferentes esferas públicas, para situar comunidades com altos índices de analfabetismo, por exemplo, como sendo de risco social. Analisar como se conduz a conduta desse conjunto de indivíduos para sair da condição de analfabetismo é tomar a prática da gestão do risco como uma forma de governar que necessita do saber estatístico para tomar decisões.

O uso de estatísticas para produção de verdades é uma estratégia para governar as populações, sendo que sobre os segmentos mais vulneráveis recaem as técnicas mais duras de condução das condutas (LAZZATTO, 2011). Além desta reportagem, outras se apoiam no uso da estatística para validar suas propostas.

A ideia de utilizar o lúdico no processo educacional que aparece na reportagem sobre o método Alfa é retomada em outros momentos e associada não mais a crianças em fase de alfabetização, mas ao ensino de Física. Em 1985, anuncia-se que “Brinquedos ajudam a ensinar Física e Astronomia” (VEJA, 1985, nº 866, p.74). Assim como no método Alfa, esta reportagem apresenta a crença de que a aprendizagem se realiza por metodologias ativas: “para a criança é muito melhor poder tocar e brincar com um pêndulo gigante do que ouvir explicações em classe sobre oscilações” (idem).

Entretanto, se as metodologias ativas prometem suprir carências educacionais de forma dinâmica, uma professora de Geografia da rede pública paranaense propõe inovar colocando os alunos... para dormir. Com o título *Sono do saber* (VEJA, 1970, nº 92, p, 79), a reportagem expõe um método em que a docente utiliza da hipnose para transportar os alunos para os cenários geográficos desejados, numa espécie de audiovisual hipnótico. A reportagem

pontua que não existe consenso sobre a aceitabilidade do método, mas a professora é otimista e declarou que pretendia escrever um livro sobre a experiência.

Compreender a natureza infantil para forjar uma metodologia adequada de ensino aparece de forma recorrente nestas reportagens. Por exemplo, para ministrar uma oficina de ortografia, a pedagoga Eloísa Faggali especializou-se em psicologia infantil (VEJA, 1984, nº 848, p.73) para montar “um verdadeiro pronto-socorro dos distúrbios de aprendizado”. Neste caso, a professora foi procurada por “alunos dos bons colégios de São Paulo”. Aqui, a vida, *bios*, é tomada em suas dimensões extraescolares, sendo alvo de constantes intervenções. É atribuída à escolarização um discurso salvacionista, sendo através deste que se opera no sujeito, de forma pontual, uma ação que o atravessa durante sua existência.

As inovações são frequentemente associadas com uma educação com maior liberdade e menor rigidez. Cabe notar que nesta época, apesar do Brasil estar mergulhado em uma ditadura, havia um clima mundial de transgressão e o fomento de uma cultura contradisciplinar: contracultura, movimento hippie, maio de 1968 na França, Tropicália no Brasil. A exaltação de uma educação menos disciplinar e que permitisse uma maior autonomia dos alunos estava inserida neste contexto. Aulas em ambientes rurais receberam atenção neste período, como mostram as reportagens sobre “a Escola chácara” (VEJA, nº 189, 1972, p. 74) ou outra que apresenta alunos em uma fazenda (VEJA, nº 711, 1982). Porém, não são escolas rurais, não estão voltadas para formar mão de obra para o campo. Ao contrário, atendem crianças de extratos privilegiados, como mostra a chamada da segunda reportagem: “alunos ricos descobrem a vida no campo” (VEJA, nº 711, 1982, p.67). Esta valorização do contato com a natureza faz lembrar as discussões de Rousseau sobre a educação de Emílio (apud STRECK, 2008).

Além da valorização da natureza, a ideia de liberdade é diretamente evocada em duas reportagens do nosso *corpus*: em 1968, uma reportagem intitulada *Eles são mal-educados?* (VEJA, 1968, nº 6, p. 42) defende que as crianças se desenvolveriam melhor com mais liberdade e está baseada no método montessoriano; já em 1972, aparece uma reportagem que também trata do método montessoriano cujo título é *Crianças livres* (VEJA, 1972, nº 215, p.67). Em ambos os casos, este método é utilizado para a educação de crianças de classes mais abastadas, assim como nas reportagens que ligam a educação a um ambiente natural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O regime autoritário vigente no Brasil a partir de 1964 não deixou de utilizar a educação como meio de docilizar os corpos e moldar os comportamentos . Por outro lado, os segmentos da população com recursos para manterem seus filhos em instituições privadas, foi convocado pela Revista Veja a buscar alternativas educacionais capazes de romper com a disciplina, em sintonia com uma racionalidade que se estabelecia mundialmente na contramão das ditaduras latino-americanas.

Deste modo, consideramos que as inovações metodológicas levadas a escolas públicas têm ênfase em técnicas que promovem outros modos de aprender mais aprazíveis, porém não têm como foco uma maior liberdade. Consideramos que naqueles casos as inovações estariam associadas ao chamado tecnicismo educacional. Já as inovações voltadas para as crianças de classes alta e média-alta estão alicerçadas em ideias contradisciplinares afinadas com o ambiente internacional e na contramão do ambiente político nacional.

Mesmo com essa ênfase, percebe-se nas páginas analisadas o enunciado acerca da liberdade como norteadora de metodologias didáticas. Para Fimyar (2009), além de conduzir os sujeitos a uma total obediência, o governmento autoritário caracteriza-se pela divisão da sociedade em grupos de exclusão, privados de autonomia e espaço para ação, e portanto, tutelados de forma próxima pelo Estado. Aí possivelmente encontrariam-se os sujeitos pertencentes às camadas socioeconômicas menos privilegiadas da sociedade, cujo risco advindo da pobreza fez que as intervenções governamentais mais.

## REFERÊNCIAS

FIMYAR, Olena. Governamentalidade como ferramenta conceitual na pesquisa de políticas educacionais. **Educação & Realidade**, v. 34, n.2, p. 35-56, mar.-ago. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. São Carlos: EDUFSCar, 2011.

STRECK, Danilo. **Rousseau & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, 1968-. Semanal. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/complemento/acervodigital/index-novo-acervo.html>. Acesso 23 maio 2017.

TRAVERSINI, Clarice; BELLO, Samuel. O numerável, o mensurável e o auditável: estatística como tecnologia de governar. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, p. 35-56, mar.-ago. 2009.

